



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DOS PROFESSORES QUE ATUAM EM
ESCOLAS LOCALIZADAS EM TERRITÓRIO CAMPESINO NO MUNICÍPIO DE
RIACHO DAS ALMAS- PE**

Joelma Oliveira

joelmaoliveiradj@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Brasil

Janssen Felipe da Silva

janssenfelipe@hotmail.com

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Esta pesquisa é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso, o qual apresenta considerações acerca da concepção de Educação do Campo dos professores que atuam em escolas camponesas. Salientamos que a Educação do Campo é uma temática que atualmente vem se destacando em nosso contexto educacional. Esta Educação resulta das lutas dos movimentos sociais do campo que defendem uma educação que valorize a cultura camponesa e respeite suas especificidades na organização escolar. Então, a partir de minhas vivências no território camponês, atuando profissionalmente e por meio das discussões na minha trajetória acadêmica surge a questão problema: Quais as Concepções de Educação do Campo dos professores que atuam na escola sede camponesa localizada no Distrito do Vitorino no município de Riacho das Almas-PE Brasil? Os sujeitos da pesquisa são os professores que atuam nesta escola. Serão utilizadas várias técnicas para coleta de dados que oportunizarão a compreensão acerca do contexto do campo de estudo. Utilizaremos a abordagem qualitativa; análise documental; pesquisa bibliográfica; aplicação de questionários; realização de entrevistas e análise do conteúdo, objetivando compreender as Concepções de Educação do Campo dos professores que atuam na escola campo de pesquisa. Os resultados parciais nos mostram que há um embate entre o modelo de educação ofertado para os sujeitos camponeses pautado nos paradigmas da educação do campo que prioriza o contexto camponês que historicamente ocupou o lugar de subalternização, principalmente na produção epistêmica e o modelo urbanocêntrico firmado no paradigma da educação rural. A tensão entre esses dois modelos se acirra quando parte dos professores não veem diferença entre a educação do campo e a educação ofertada na área urbana, caracterizando-as como iguais.

Palavras-Chaves: educação do campo; professores camponeses; concepções de educação do campo.

ABSTRACT

This research is a cut of the Course Completion Work, which presents considerations about the conception of Field Education of teachers who work in peasant schools. We emphasize that Field Education is a theme that is currently being highlighted in our educational context. This education results from the struggles of the rural social movements that advocate an education that values peasant culture and respects its specificities in school organization. Then, from my experiences in the peasant territory, acting professionally and through discussions in my academic trajectory, the question arises: What are the Education Concepts of the Field of the teachers who work in the peasant-based school located in the District of Vitorino in the municipality of Riacho das Almas-PE Brazil? The research subjects are the teachers who work in this school. Several techniques will be used to collect data that will provide an understanding of the context of the field of study. We will use the qualitative approach; documentary analysis; bibliographic research; application of questionnaires; conducting interviews and content analysis, aiming to understand the Conceptions of Field



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Education of teachers working in the school field of research. The partial results show us that there is a clash between the education model offered to peasant subjects based on the paradigms of rural education that prioritize the peasant context that historically occupied the place of subalternization, especially in the epistemic production and the urban-centric model signed in the paradigm of rural education. The tension between these two models is aggravated when part of the professors see no difference between the education of the field and the education offered in the urban area, characterizing them as equals.

Key-words: field education; peasant teachers; conceptions of rural education.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

1. I. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um recorte do trabalho de conclusão de curso, a mesma já foi concluída e apresenta algumas questões que permeiam a Educação do Campo que é uma temática que atualmente vem se destacando em nosso contexto educacional. Esta resulta das lutas dos movimentos sociais do campo que defendem uma educação que valorize a cultura camponesa e respeite suas especificidades na organização escolar. As lutas pela educação do campo se dão, principalmente, na resistência a subalternização que os camponeses sofreram ao longo da história, o que resultou, entre outras coisas, na negação de sua cultura e sua produção epistêmica.

Atualmente, ainda é marcante o preconceito na vida dos sujeitos camponeses, principalmente no que diz respeito à educação ofertada para os camponeses. Diante desse cenário nos questionamos acerca do que de fato seria educação do campo? Como também, o que os professores das escolas do campo entendem sobre educação camponesa? Para alguns professores camponeses é muito confusa a ideia de uma educação diferenciada. Daí surge nosso problema de pesquisa: Quais as Concepções de Educação do Campo dos professores que atuam na escola sede camponesa localizada no Distrito de Vitorino no município de Riacho das Almas-PE?

Para isto, selecionamos os seguintes objetivos:

➤ **Objetivo geral:**

- ✓ Compreender as Concepções de Educação do Campo dos professores que atuam na escola campo de pesquisa.

➤ **Objetivos específicos:**

- ✓ Analisar a concepção de território urbano e camponês dos professores/as;
- ✓ Analisar a concepção de sujeito urbano e camponês dos professores/as;
- ✓ Analisar como os professores/as veem a vida no território urbano e camponês;
- ✓ Analisar a concepção de Educação do Campo dos professores/as.



Esta pesquisa nos possibilita um olhar acerca de como a Educação do Campo é vista pelos docentes que atuam nas escolas campesinas na relação com a Educação Urbana.

II. MARCO TEÓRICO

2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CAMPO

A educação ofertada para os povos campesinos foi vista com mais ênfase entre o final do século XIX e o início do século XX, tendo em vista a preocupação para as questões eleitorais. Sendo assim, o ensino era utilizado como uma estratégia eleitoral e os cidadãos precisavam ser alfabetizados para estarem aptos a votar. Neste mesmo cenário, a educação era tida como responsável pelos males que atingiam a sociedade. Assim, os sujeitos que não possuíam formação escolar, principalmente os campesinos, eram culpabilizados pelos problemas sociais (SILVA, 2015).

A partir da expansão industrial surge a necessidade de se ter mão de obra qualificada e adequada para trabalhar com os novos instrumentos advindos da modernidade. Então, diante desta situação aos sujeitos campesinos foi ofertada uma educação tecnicista, que tinha como objetivo capacitar as pessoas para atenderem as necessidades da sociedade capitalista que se urbanizava e industrializava. Dentro deste contexto social surge também

O aumento do êxodo dos povos campesinos (amplamente explorado pela mídia, pelas pesquisas científicas e pela Literatura Brasileira) para os espaços urbanos foi motivo de preocupação dos governantes, uma vez que nem toda a mão de obra que se mobilizava em direção às promessas industriais de emprego poderia ser aproveitada (SILVA, 2015, p. 94).

Assim, era preciso conter os sujeitos campesinos no meio rural. Para isso a educação oferecida a esses povos buscava mantê-los em seus territórios, esta, também era uma educação descontextualizada dos saberes campesinos. A educação rural era baseada num modelo urbanocêntrico, que subalternizava os campesinos, e o campo era tido como um lugar de atraso, que servia para ser explorado para atender a vida urbana.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Logo, a vida dos povos do campo foi marcada por um processo de subordinação à classe hegemônica urbana, que não reconhece as epistemologias dos camponeses, os explorando e desvalorizando seus saberes. Para Silva et al (2012, p.22), “a educação ofertada atendia a modelos de sociedade que não eram os camponeses. Uma educação nos territórios rurais, para os sujeitos camponeses, mas não *com* eles; não de acordo com as suas especificidades em função de modelos de sociedade Outros”, e os saberes dos camponeses acabavam excluídos do currículo, no qual são valorizados os conhecimentos científicos e urbanos.

Os movimentos sociais camponeses desempenharam um papel importante na luta pelo reconhecimento dos saberes construídos historicamente pelos povos do campo. Fizeram inúmeras críticas as políticas educacionais voltadas para esses sujeitos. Pois, “aos povos do campo, assim como às minorias criadas desde a colonização, restou à ação da colonialidade, sob a forma da subalternidade, do silêncio, da precarização da educação, da negação, da condição epistêmica, logo da condição humana” (TÔRRES, 2013, p.67). É dessa forma que os sujeitos camponeses são vistos diante da sociedade hegemônica. Logo, estes têm que lutar constantemente pelos seus direitos e seu lugar na sociedade.

2.2 PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Na luta pelos seus direitos os povos camponeses solicitam uma educação que atenda suas especificidades. “Os povos camponeses reivindicam a afirmação e valorização dos seus saberes, isto é, da sua condição epistêmica de dizer-se no mundo e de estabelecer as suas próprias cosmovisões com prerrogativa de transformá-lo” (SILVA et al, 2014, p.31). Assim, podem se tornar protagonistas de suas histórias, saindo da posição de sujeitos inferiores e subalternizados ao modelo de sociedade hegemônica, no qual as produções epistêmicas valorizadas e validadas são as urbanas.

Para os povos camponeses a educação é uma ferramenta fundamental no processo de afirmação social e cultural, sendo assim, esta educação deve ser pautada no contexto camponês, incluindo



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

os saberes e vivências desses sujeitos na construção epistêmica, promovendo um diálogo entre os conhecimentos produzidos nos centros urbanos e aqueles advindos das experiências dos camponeses. Assim,

A Educação Popular, fortemente baseada no pensamento freiriano, possibilitou a insurgência de contestações decoloniais, nas quais os sujeitos epistêmicos contextualizam sua educação a partir de questões inerentes ao seu *lôcus* social, político, cultural e epistêmico. Desta forma, o Paradigma da Educação do Campo lança mão da condição epistêmica dos sujeitos culturais que são encarregados da construção de uma educação contextualizada e comprometida com o rompimento das estruturas do poder colonial (SILVA, 2015, p. 117).

Diante do exposto, o modelo de educação reivindicado pelos movimentos sociais está pautado nos paradigmas da educação do campo que prioriza o contexto camponês que historicamente ocupou o lugar de subalternização, principalmente na produção epistêmica. Logo,

Os modos de vida dos povos camponeses produzem significados, valores, comportamentos e ideias que correspondem aos aprendizados que se dão através das relações culturais e políticas envolvendo seus saberes sobre a vida no campo e através de diferentes aspectos (LEMOS, 2013, p.79).

Portanto considerando as especificidades dos sujeitos dos territórios camponeses, a educação escolar ofertada aos mesmos, deve se voltar para a realidade sociocultural, sempre pensada para o coletivo.

III. Metodología

A realização desta pesquisa se deu por meio de uma abordagem qualitativa. Esta entendida como um processo de reflexão, onde as conclusões surgem a partir das relações estabelecidas com os dados da pesquisa. Assim,

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES, 1994, p.21).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Realizamos uma análise documental para podermos nos apropriar da legislação voltada para educação campesina. Analisamos a LDB, os Pareceres e os Decretos voltados para essa modalidade de educação. O campo da pesquisa é uma escola sede localizada na Vila do Vitorino Município de Riacho das Almas – PE, a qual se destaca pela tradição na produção artística cultural com o artesanato em cipó. A Vila também é um ponto turístico bastante visitado, pois o frio é uma das principais características daquela região.

Os sujeitos da pesquisa são os professores que atuam na escola campo de pesquisa. Utilizamos várias técnicas para coleta de dados que oportunizaram a compreensão acerca do contexto do campo de estudo. Entre estas técnicas estão a aplicação de questionários e a realização de entrevistas semiestruturadas.

Além dos encontros para a realização das entrevistas, a pesquisa no campo de estudo se deu por meio de uma vasta consulta bibliográfica. Pois, “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sobre novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (LAKATOS, 2006, p.185).

Para fins desta investigação utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo. Pois, como técnica pode ser utilizada em vários tipos de pesquisa e servir igualmente os diferentes níveis de investigação empírica. Segundo Severino (2007), a análise do conteúdo atua sobre a fala, descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras.

Foram entrevistados sete professores, os quais serão chamados de P1, P2, P3, P4, P5, P6 e P7 para preservar a identidade dos mesmos.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Nesta parte apresentaremos as questões encontradas por meio da análise dos dados coletados.

4.1 TERRITÓRIO URBANO

O território urbano culturalmente é considerado um espaço de desenvolvimento, no qual a modernidade se faz presente. Esta visão de território urbano é reforçada nas concepções presentes na fala dos professores.

Na primeira concepção a de “**Que não diferença entre território urbano e território campesino**” (P1), na visão da professora um contínuo entre urbano e campesino, silenciando as especificidades que há em ambos os territórios, o que pode levar a uma prática pedagógica desenraizada (ARROYO, 2012).

Temos a segunda, terceira e quarta concepção que se aproximam em sua percepção e apontam o território urbano como um lugar: **a) Desenvolvido com oportunidades; b) Como espaço amplo onde se encontram mais fontes de conhecimentos; c) Com mais condições** como podemos constatar nas falas abaixo:

De acordo com (P2) é um “território desenvolvido e com oportunidades”; para (P4) o território urbano é “um espaço amplo em relação a cultura, a educação e ao desenvolvimento do mundo trabalhista. Lá se encontram mais fontes de conhecimento para o desenvolvimento humano”; (P5) compreende como “um território com mais condições nos aspectos sociais, culturais e econômico”.

Notamos aqui a presença do urbanocentrismo e, conseqüentemente, a subalternização do território campesino na medida em que representa o outro lado da moeda, ou seja, o não desenvolvido, o não lugar.

Ressaltamos ainda a quinta concepção de território urbano como um lugar **Bom e acolhedor** e a sexta concepção que apresenta o território urbano como **Um complexo maior onde a administração pública está mais presente**. Diante do exposto é notável como as concepções acerca do território urbano apresentam este como sendo superior ao território campesino e como o lugar de referência.



Logo, direcionamos essa concepção a Colonialidade do Poder (QUIJANO, 2005). Corroborando com Lemos quando diz que

A Colonialidade do Poder manteve na sociedade as relações de funcionalidade imposta pelo discurso colonial, produzindo e reproduzindo identidades inferiorizadas entre os sujeitos, dicotomias hierarquizadoras como a ideia de espaço urbano superior e rural inferior (LEMOS, 2013, p.51)

Sendo reforçada por meio da Colonialidade do Poder e pelo discurso dos professores/as, a ideia de que o território urbano é superior ao território campesino, cada vez mais o espaço urbano é valorizado e reconhecido como “bem desenvolvido, propício para a produção do conhecimento, lugar das oportunidades”. Salientamos que essa ideia de desenvolvimento urbano entre os demais fatores contribuem ainda para outras concepções que consideram a realidade e a vida no território urbano com mais facilidades “por ter uma população maior, existe mais condições voltadas para a saúde, educação e cultura, quando se compara com o campo” (P6).

No discurso dos professores percebemos que o território urbano é o lugar ideal para viver, por ele oferecer muitas facilidades nos diversos segmentos sociais, possibilitando uma vida com mais condições para trabalhar, estudar e ser um cidadão com cultura de prestígio.

4.2 A VIDA NO TERRITÓRIO URBANO

Agora apresentaremos as concepções da vida no território urbano de acordo com a visão dos professores que são cinco. Na primeira concepção que apresenta a **Vida com maior facilidade**, essa facilidade que é atribuída à vida no território urbano, se dá devido à organização da população urbana, pois o território urbano “em termos de espaço é onde se concentra o maior número de pessoas. E nessa concentração de pessoas existe uma organização maior por parte dessa população. Há mais ações voltadas para a área da saúde, educação e cultura” (P6). Logo, por essa população ser tão organizada recebe mais atenção por parte do poder público.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Notamos que de acordo com a segunda concepção que aponta para uma **Vida com mais oportunidades** e a terceira concepção de uma **Vida com facilidade para trabalhar e estudar** as pessoas que vivem no território urbano levam uma vida melhor por estarem num território de oportunidades, com “mais condições voltadas para a saúde, educação e cultura” (P6), o que propicia facilidades para o desenvolvimento das pessoas, principalmente as que estudam.

Temos ainda a quarta concepção: **Vida com violência**, mesmo com diversos fatores que proporcionam uma vida com facilidades e oportunidades, a violência urbana aparece como um ponto negativo na vida urbana. De acordo com (P3) a mesma apresenta “uma realidade violenta, por falta de políticas voltadas para os jovens”. As causas da violência urbana são atribuídas aos jovens, principalmente os que não estudam. Percebemos que a vida no território urbano oferece todas as oportunidades e facilidades, mas é preciso se preparar e estudar, de acordo com (P4) as “facilidades são para aqueles que buscam sempre o melhor”, neste caso o melhor seria estudar.

A quinta concepção é de uma **Vida agitada**, “é mais agitada do que no campo, principalmente nos grandes centros” (P7). Assim, a vida no território urbano representa a vida moderna que, apesar da violência, tem a potencialidade das oportunidades. Desta forma, a vida no território campesino pode ser compreendida como a exterioridade da vida moderna no território urbano.

4.3 SUJEITO URBANO

Nesta seção vamos discorrer acerca das três concepções de sujeito urbano que identificamos nas falas dos professores. Por meio da fala de P1 podemos perceber a primeira concepção quando ele diz:

Eu vejo como uma pessoa autoritária, porque quando a gente chega numa escola, numa faculdade eles nos vêem de forma diferenciada, acha que a gente somos pior do que eles. É uma pessoa que quer passar por cima do pessoal que vem do campo (P1).

Diante do exposto na fala de P1, que reside em território campesino, podemos perceber a presença da Colonialidade do Poder, na qual o campesino ocupa uma posição de subalternização. Neste



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

contexto, seus saberes, sua cultura e seu próprio eu, são desvalorizados. Por isso, os camponeses em sua maioria acabam seguindo os padrões hegemônicos urbanocêntricos.

Diante desse contexto, encontramos o sujeito urbano na segunda concepção que o tem como um **Ser atuante**. O sujeito urbano é considerado atuante por “ser mais flexível em relação a busca de oportunidades” (P4), essa flexibilidade se dá através das questões abordadas anteriormente que apontam para as facilidades e oportunidades que o território urbano oferece. Logo, surge a terceira concepção de sujeito urbano como o **Ser das oportunidades**, pois, é um “ser que tem mais oportunidade por estar mais próximo das questões voltadas à saúde, educação e cultura” (P6). Diante disto, percebemos uma segregação que coloca o sujeito urbano num lugar de prestígio, sendo este o modelo ideal para ser seguido. Então, a visão apresentada de sujeito urbano ratifica a classificação social, ou seja, a racionalização do sujeito.

4.4 TERRITÓRIO CAMPESINO

No que se refere ao território camponês, encontramos três concepções presentes na fala dos professores. Na primeira concepção percebemos que P1 não faz distinção entre o território camponês e o território urbano, “porque tem alguns benefícios para o campo e tem para zona urbana, e também as dificuldades para ambos” (P1). Logo, tanto o território camponês como o urbano na visão de P1 possuem seus pontos positivos e negativos.

Salientamos que a segunda concepção aponta o território camponês como **bom para algumas coisas**. “Um território muito bom para algumas coisas, em relação ao ambiente, mas muitas vezes não proveitoso, talvez por falta de recurso” (P2). Ao se referir ao ambiente percebemos que esse território é visto como bom para algumas coisas, devido à possibilidade da apropriação para a exploração dos recursos naturais oferecidos por esse território. Desta forma, o território camponês é lugar tempo para o extrativismo, para a materialização da Colonialidade da Natureza.

Diante disto, percebemos que o campo é visto como um território propício para a exploração dos recursos naturais, o campo a serviço da cidade o que Walsh (2008) denomina Colonialidade da Natureza. Logo,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Essa *Colonialidade* criou entre o homem e a natureza uma sistêmica relação binária de dominação do primeiro sobre a segunda. Esta relação levou à exploração predatória dos recursos naturais do campo em função dos interesses capitalistas coloniais e neocoloniais, atualmente expressos nos interesses do agronegócio (LEMOS, 2013, p.52).

Diante do exposto percebemos que o campo é visto como o lugar de produção agrícola e mais nada, que sua função é produzir e fornecer alimentos para a cidade, e que para além das atividades agrícolas ele é apenas um lugar com beleza natural. Neste contexto “o imaginário Moderno/Colonial disseminou a ideia de território rural apenas nos seus aspectos geográficos, subalternizando e silenciando toda produção e disseminação de conhecimento deste território” (LEMOS, 2013, p. 65). A terceira concepção do campo como **Lugar restrito à prática agrícola** está relacionada com a segunda concepção que aponta o território campestino como **bom para algumas coisas**, tendo em vista que, essas coisas boas são direcionadas às atividades agrícolas.

Diante disto, a terceira concepção mostra o território campestino como “**um espaço onde as pessoas estão mais voltadas para as atividades agrícolas**” (P4); “Como algo produtivo, onde você de certa forma está em contato com a natureza. E pode produzir uma agricultura de subsistência (P7). Então, “enquanto aspecto geográfico, o território restringe-se às características voltadas à natureza e como aspecto sociocultural o território corresponde aos valores, às crenças e aos modos de vida produzidos pelos diferentes sujeitos” (LEMOS, 2013, p. 64). No entanto, estes sujeitos não têm seus modos de vida respeitados e são vistos como sujeitos que estão à serviço da cidade. Salientamos que nesse contexto

Aos povos do campo é imposto um trabalho desprovido de prestígio social, mesmo que para esses povos o seu trabalho cotidiano tenha um valor, possua uma mística, uma relação com os modos de vida específicos da área rural, toda essa relação passa a ser negada (TORRES, 2013, p. 31).

Podemos perceber que existe uma hierarquização entre o urbano e o campo. O território campestino é “um lugar muito carente que já foi pior, hoje as coisas estão um pouco melhor” (P3); “nos as-



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pectos sociais, culturais e econômicos há uma precarização muito grande” (P5). Diante do exposto, o território campesino está muito atrás do território urbano que é considerado como o lugar do desenvolvimento, da cultura e é fonte de conhecimento. Assim, resta ao campo o lugar de território subalterno que está a serviço da cidade.

Diante de um contexto social que valoriza tudo que pertence à cultura urbanocêntrica, o sujeito do território campesino conduz sua vida ocupando um lugar de submissão, sendo obrigado a adotar um padrão urbano de ser, para que possa ser visto como pessoa.

4.5 A VIDA CAMPESINA

A visão de muitas pessoas acerca da vida no território campesino é de que a mesma é marcada pela dificuldade, como podemos identificar na primeira concepção acerca da vida no território campesino: **Muita dificuldade**, vários fatores contribuem para que esta concepção seja reforçada, como podemos perceber nas falas dos professores:

“O pessoal do campo, eles enfrentam muita dificuldade (P1); “Apesar das diversas melhorias, ainda existem muitas famílias passando por muitas dificuldades no que se refere a alimentação, oportunidade de emprego e acesso à saúde por falta de políticas públicas” (P5); “Houve algumas melhorias, mas ainda existem muitas dificuldades, algumas famílias passam a semana com um quilo de arroz e feijão. A ausência de políticas públicas ocasiona muito sofrimento para as pessoas do campo” (P6).

A ideia de vida marcada pela dificuldade vem acompanhada pelo sofrimento que estas dificuldades ocasionam, como supracitado na fala de P6. Mesmo assim, a segunda concepção que encontramos apresenta a vida no campo como: **Uma vida boa**, esta concepção está atribuída à ideia da mobilidade no território campesino, pois, para (P3) a vida campesina é “uma vida boa, principalmente hoje que tem mais transporte, muitos possuem sua moto”.

Diante disto, percebemos que a vida no campo é considerada boa, pelo fato de que algumas tecnologias predominantes no meio urbano, também se fazem presentes na vida dos campesinos. Mais



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

uma vez, notamos a hierarquização entre a cidade e o campo, imbricada na fala de P3 ao caracterizar a vida campesina como boa pela presença de transportes, que até pouco tempo era um privilégio para quem vive na cidade. Assim, para ser bom tem que seguir ou estar parecido com os padrões urbano-cêntricos.

Na terceira concepção notamos que a vida no território campesino aparece como uma vida **Restrita**. No entanto, essa vida restrita pode ser modificada, pois para (P4) a vida no território campesino é “mais restrita, mas hoje se têm meios pelos quais se pode melhorar as condições de vida”. Ou seja, de acordo com esta visão, a vida no campo é restrita porque os campesinos não sabem utilizar os meios pelos quais eles podem melhorar de vida. Então, a vida campesina é a exterioridade da modernidade, marcada pelo sofrimento, pela dificuldade, é restrita e está à margem do que é moderno.

4.6 SUJEITOS CAMPESINOS

Nesta parte do texto vamos apresentar as concepções de sujeitos campesinos presentes nas falas dos professores, encontramos cinco concepções: 1. **Sofrido e medroso**; 2. **Falta de oportunidade**; 3. **A serviço do urbano**; 4. **Limitado**; 5. **Informado**. Por meio destas concepções constatamos que ao sujeito campesino cabe o papel de ser subalterno.

Na primeira concepção percebemos que o campesino é tido como o sujeito do medo e do sofrido, por isso não busca formação num curso superior. “O sujeito do campo é umas pessoas mais sofridas. Eles têm medo de tudo, eles têm medo de ingressar num curso, ingressar numa faculdade” (P1). Então, se este não tem uma formação, uma qualificação, é sempre visto numa posição de inferioridade diante dos sujeitos urbanos.

A segunda concepção aponta para o campesino como o sujeito da **Falta de oportunidade**, mesmo assim “se ele quiser tem tudo para ser feliz, não que também não exista falta de oportunidade” (P2). Podemos perceber uma contradição na fala de P2, ao dizer que mesmo sem ter oportunidades o sujeito campesino se quiser tem tudo para ser feliz. Como assim? Seria então, o campesino o culpado pela falta de oportunidades? O campesino além de ocupar um lugar de subalternização ainda é culpabilizado por esta situação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Na terceira concepção o campesino aparece **A serviço do urbano**, pois, “ele tem um papel importante, ele planta, cria e fornece alimento para a cidade” (P3). Diante disto, ao campesino é atribuído o papel de ser uma mão de obra, um ser submisso que deve produzir e fornecer produtos alimentícios. Logo a cultura campesina passa despercebida num contexto que enxerga o campesino como um simples produtor agrícola. Isto é reflexo da “ação da Colonialidade do Poder, podemos frisar a relação histórica de subordinação imposta aos povos das áreas rurais em relação aos povos urbanos e a redução da cultura campesina à mímica”. (TORRES, 2013, p.33), enquanto a cultura urbana é um modelo a ser imitado.

Na quarta concepção o campesino é o sujeito **Limitado**, “porém estas serão maiores se ele se acomodar. Hoje existem mais oportunidades para o sujeito do campo” (P4). Nesta concepção de sujeito limitado, percebemos que o campesino mais uma vez é culpabilizado pela sua situação, por ser um sujeito acomodado como supracitado por P4. No entanto, conseguimos identificar uma concepção que atribui ao campesino uma característica que não o coloca em posição de subalterno. Na quinta concepção o campesino é o sujeito **Informado**, ele aparece numa colocação de igualdade e até mesmo à frente do sujeito urbano, pois

“Com o avanço tecnológico esse sujeito é informado e domina os aparelhos tecnológicos com muita propriedade” (P6). “A pessoa que mora na zona rural estuda, trabalha e tem acesso as mesmas informações que o sujeito da cidade ou até mais. Vai depender da condição da pessoa” (P7).

Salientamos que os avanços tecnológicos não se restringem apenas ao território urbano, hoje de acordo com o contexto da família, o sujeito do campo tem acesso e domina com propriedade alguns aparelhos tecnológicos, como também, ocupa lugares outros, os quais durante muito tempo lhes foram negado o direito de se fazer presente.

4.7 EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nesta parte do texto vamos apresentar as concepções de Educação do Campo apresentadas nas falas dos professores/as, tendo em vista que a educação ofertada aos povos campesinos deve ser pau-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tada nos paradigmas da Educação do campo, considerando as especificidades, os saberes e a cultura campesina. Então, o campo não deve ser visto apenas em seus aspectos geográficos, pois este território possui culturas e saberes outros que devem ser reconhecidos e valorizados no processo educacional. Assim,

Falar da educação escolar para os povos campesinos compreende tanto as especificidades geográficas quanto os saberes que constituem esses povos e que fazem deles povos que têm identidades particulares em diálogo com outras culturas em diferentes contextos (LEMOS, 2013, p.66).

No entanto, ao questionarmos os professores/as acerca do que é Educação do Campo, encontramos duas concepções.

Na primeira concepção percebemos que a educação ofertada para os campesinos “não diferencia as pessoas que vivem no rural e no urbano” (P4), pois “quem ensina na cidade tem o mesmo planejamento de quem trabalha no campo. O ensino tem que ser o mesmo, até porque quem está no campo hoje, amanhã pode estar na cidade” (P2). Sendo assim, os campesinos precisam estar preparados para viver no território urbano que é tido como referência, dentro deste contexto a cultura campesina passa despercebida. Diante disto, “os saberes que não se enquadrassem ao saber único universal tiveram a sua condição epistêmica negada, devendo os sujeitos enquadrar-se às imposições da Colonialidade do Ser, ou seja, negar o seu status de sujeitos campesinos (LEMOS, 2013, p. 54).

Ao falarmos da segunda concepção percebemos que os professores/as reconhecem que o contexto campesino precisa ser considerado no processo educacional, como podemos verificar nas falas abaixo:

O conteúdo trabalhado deve ser direcionado para a realidade dos sujeitos do campo (P3); vai além dos muros da sala de aula e do livro didático. Valoriza o alunado e mostra que ele é capaz de ser o que ele quiser. Enquanto cidadão brasileiro ele tem que ter acesso aos diversos conhecimentos, mas é preciso valorizar sua localidade e o que ela oferece (P5); deve ser diferenciada para que as pessoas possam ter seu meio de subsistência ali mesmo e valorizem seu lugar apesar de todas as dificuldades (P6).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Diante deste cenário, percebemos que as especificidades campesinas são reconhecidas nas concepções de Educação do Campo apresentadas. No entanto, isso não garante que estas sejam trabalhadas nas práticas docentes, pois a educação escolar ofertada historicamente aos campesinos “pautou-se em Práticas Curriculares marcadas por modelos de escolas descontextualizadas da vida, do trabalho e da cultura dos povos campesinos” (LEMOS, 2013, p.68).

Neste contexto, a educação ofertada aos campesinos objetivava capacitar os sujeitos do campo para atender as necessidades dos grandes centros urbanos, por isso a cultura campesina historicamente foi silenciada e os saberes dos campesinos excluídos do processo de ensino aprendizagem, restando aos povos do campo um modelo de educação voltado para os padrões hegemônicos dos territórios urbanos.

V. CONCLUSÕES

No decorrer deste trabalho procuramos compreender as concepções de Educação do campo dos professores que atuam em escola campesina. Identificamos que a visão dos professores/as acerca do território e de todo o contexto campesino está pautada na Colonialidade do Poder, pois tudo que diz respeito ao campo é considerado inferior diante do que é urbano, seja o território, a vida ou os sujeitos campesinos. Entretanto, o que está relacionado ao território Urbano é visto de maneira positiva, sendo este território considerado o lugar das oportunidades.

No que se refere à Educação do Campo, percebemos que há um embate entre o modelo de educação ofertado para os sujeitos campesinos pautado nos paradigmas da educação do campo que prioriza o contexto campesino e o modelo urbanocêntrico firmado no paradigma da educação rural. A tensão entre esses dois modelos se acirra quando parte dos professores não veem diferença entre a educação do campo e a educação ofertada na área urbana, caracterizando-as como iguais.

Diante deste cenário de embate, alguns professores/as reconhecem que a Educação do Campo deve considerar o contexto, a cultura e os saberes campesinos, o que nos leva a questionamentos outros, tais como: Se, e quais saberes campesinos estão presentes no currículo da escola do campo? Se e que saberes campesinos são trabalhados na sala de aula dos professores que atuam em escolas campesinas? Como estes saberes são trabalhados?



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Referências

ARROYO, M. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R.; MOLINA, C. M. (Org.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CALDART, R. S. A escola do Campo em Movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Org.). **Por uma educação do Campo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, in: MINAYO, M.C.S. (org.) Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**/ Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria; 6ª edição- 3ª reimpressão; São Paulo: Atlas, 2006

LEMONS, G. T. **Os saberes dos povos camponeses tratados nas práticas curriculares de escolas localizadas no território rural de Caruaru-PE**. 2013. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e Ciências Sociais**. 3. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278. disponível em: <biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf> acesso em 19 de janeiro de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**, 23ª ed. revisada e atualizada, SP: Cortez, 2007.

SILVA, f. G. P. **Os paradigmas que alicerçam os livros didáticos de história e geografia da coleção didática projeto buriti multidisciplinar: um olhar através das epistemologias do sul**. (Dissertação de Mestrado em Educação), Caruaru-2015.

SILVA, J. F. et al. **Paradigmas da educação do campo: um olhar a partir dos estudos pós-coloniais latino-americanos**. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.22, n.2, p.09-38, jul. /dez.2014

TORRES, Denise Xavier. **Concepções de avaliação da aprendizagem de professoras que atuam em escolas situadas em áreas rurais**. (Dissertação de Mestrado em Educação) Recife, 2013.

WALSH, C. Interculturalidad, Plurinacionalidad y Decolonialidad: Las Insurgencias Político-Epistémicas de Refundar el Estado. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colômbia, nº 9: 131-152, julio-diciembre, 2008 disponível em: < www.revistatabularasa.org/numero-9/08walsh.pdf > acesso em 15 de dezembro de 2016.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio